



A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO INSTRUMENTO PARA ROMPER COM O PARADIGMA DO ENSINO NEOLIBERAL

Wanderson Pereira Lima¹
 Marcia Amélia Guimarães²
 Luciana da Silva Martins³

GT2 – Trabalho, Educação e Políticas Educacionais

Resumo

A educação sempre foi e sempre será um importante instrumento para manutenção e/ou transformação da sociedade, portanto, foi realizada na Tailândia em Jomtien no ano de 1990 uma Conferência Mundial para a Educação, em que a mesma tinha como objetivo utilizar o sistema educacional para manter a hegemonia dominante e consolidar seus intuítos neoliberais. Com a globalização e a abertura das fronteiras para negociações, as instituições chamadas de Organismos Internacionais Multilaterais como UNESCO, FMI, ONU, e o próprio Banco Mundial são instituições responsáveis pela reestruturação de países emergentes – subdesenvolvidos – com o intuito de tornar a camadas populares mais produtivas e capazes de atender as demandas do sistema econômico. O objetivo central deste artigo é apresentar uma proposta de Educação Física que visa à formação de um sujeito crítico, emancipado e atuante na sociedade, rompendo com o paradigma neotecnicista/empirista/simplista do ensino neoliberal. Com a premissa de trabalhar sobre os pressupostos da cultura corporal de movimento, tem-se o intuito de ressaltar um ensino verdadeiramente democrático e socialista, “livre” das amarras do capitalismo. Todo educador deve ter em mente sua função ideológica, seu caminho a ser percorrido, sua atividade educativa deve ser guiada por um projeto político-ideológico; com essa convicção concluímos que idealizar um ensino que seja viável a todos, principalmente às camadas populares é um verdadeiro ato político. Desse modo nosso intuito foi de desvelar as características da ideologia neoliberal para a educação e elucidar um ensino e uma Educação Física a serviço da classe trabalhadora, de um sistema educativo que seja verdadeiramente democrático, visando formar um aluno emancipado, crítico, pensante e atuante na sociedade.

Palavras-chave: Educação, Educação Física, Neoliberalismo, Ideologia.

Introdução

¹ Wanderson Pereira LIMA. Mestrando em Educação pela UFG. wplima9@gmail.com

² Márcia Amélia GUIMARÃES. Mestranda em Educação pela PUC-GO. marciaaguima@yahoo.com.br

³ Luciana da Silva MARTINS. Mestranda em Educação pela PUC-GO. plucianamartins@hotmail.com



Desde a modernidade, marcada pela Revolução Francesa e também pela Revolução Industrial, o modo de produção vem passando por várias mudanças. A Obsessão por uma sociedade cada vez mais industrial e tecnológica vem moldando os diversos setores que constituem a sociedade. A partir do fim da Segunda Guerra Mundial, ouve a necessidade de reestruturar países que foram afetados diretamente e indiretamente pela guerra. Essa reestruturação contava principalmente com a forte influência dos Estados Unidos da América – uma das maiores potências capitalistas do mundo.

Com a globalização e a abertura das fronteiras para negociações, as instituições chamadas de Organismos Internacionais Multilaterais se consolidaram e iniciaram o processo de reorganização do sistema de produção. Com vistas à estabilização do neoliberalismo, os principais alvos de dessas instituições foram os países localizados no hemisfério sul do mundo, ou seja, os considerados países emergentes.

Sendo o Brasil um desses países, podemos perceber várias ações desses Organismos Internacionais na política local. A educação sempre foi e sempre será um importante instrumento para manutenção e/ou transformação da sociedade, com isso foi realizada na Tailândia em Jomtien no ano de 1990 uma Conferência Mundial para a Educação, em que a mesma tinha como objetivo utilizar o sistema educacional para manter a hegemonia dominante e consolidar seus intuits neoliberais. Destarte, a educação escolar tornou-se cada vez mais imediatista/hierárquica/classificatória, fazendo com que haja dois tipos de instituição escolar: a escola do conhecimento para ricos e a escola de acolhimento social para pobres.

O objetivo central desse estudo é enfatizar um ensino de Educação Física que resista as amarras neoliberais, e que trabalhando os conteúdos da cultura corporal de movimento possa ajudar o aluno a pensar teoricamente sobre suas ações, possibilitando ao mesmo um senso crítico sobre as realidades, dinâmicas e contradições das relações sociais, objetivando a transformação da sociedade. Desde modo, visar um ensino verdadeiramente socialista, democrático, igualitário e emancipatório.

A educação sobre os moldes neoliberais

Com o desenvolvimento das ciências de produção, com a obsessão por um mundo



industrial e tecnológico, a educação vem sofrendo mudanças com o objetivo de atender as demandas do sistema econômico vigente – o capitalismo. Nesse pressuposto, o sistema educativo está cada vez mais técnico, hierárquico e classificatório. Fruto da globalização, as Organizações Internacionais Multilaterais estão influenciando decisivamente no campo educacional, seja na elaboração de políticas públicas, seja na formação e atuação desses profissionais, visando uma ação educativa à serviço do sistema de produção.

Libâneo (2012) expõem severas e corretas críticas ao documento elaborado em Jomtien na Tailândia consolidado como *Educação para Todos*, na Conferência Mundial sobre a Educação realizada em 1990. Segundo esse autor a degradação da escola pública teve início a partir desse evento. Ficando às entrelinhas os objetivos neoliberais do sistema capitalista representados pelos interesses do Banco Mundial, formalizando uma escola contemporânea compreendida por dois distintos polos: escola para ricos e escola para pobres.

Essa dicotomia é brutal e caminha na contramão de um ensino verdadeiramente democrático e igualitário. Expresso nas entrelinhas do sistema de educativo, esses dois extremos fortalece cada vez mais a desigualdade, o preconceito e a degradação de uma classe que vem sendo oprimida em todos os setores da sociedade.

Como motivo – desculpa – para concretizar os anseios do neoliberalismo e suas grosseiras influências no campo educacional, a classe dominante critica o ensino tradicional devido seu método rígido, e com isso, oferta uma escola mais flexível, mais acessível, por fim, menos autoritária.

Além disso, o insucesso da escola tradicional decorreria de seu modo de funcionar, pois ela está organizada com base em conteúdos livrescos, exames e provas, reprovações e relações autoritárias. Busca-se, então, outro tipo de escola, abrindo espaços e tempos que venham a atender às necessidades básicas da aprendizagem (reduzidas, como veremos adiante, a necessidades *mínimas*), tomadas como eixo do desenvolvimento humano. Nessa perspectiva, a escola se caracterizará como lugar de ações socioeducativas mais amplas, visando ao atendimento das diferenças individuais e sociais e a integração social (LIBÂNEO, 2012, p.17).

Torna-se imprescindível ressaltar que a crítica ao tradicionalismo no ensino e na escola é necessária, devido ao seu caráter de instituição que visa à reprovação, uma instituição que exclui os malsucedidos em testes avaliativos e marginalizam os pobres. Porém, o caráter



crítico deve ser acompanhado da consciência de mudança e igualdade. Transformar a escola em uma instituição de fato democrática e emancipadora, mediante a formação de um sujeito ativo.

Todavia, isso não é o que tem acontecido nas últimas três ou quatro décadas na educação. A junção entre a crítica, o desejo de transformação e consciência de igualdade, não se perpetuou. Muito pelo contrário, o sistema educacional tornou-se um campo de atuação de economistas e estrategistas que têm o intuito de manter a hegemonia da classe dominante.

Libâneo (2012, p.20) cita que essas ações estratégicas fomentadas pelos economistas camuflam o que diversos pesquisadores chamam de “educação para a reestruturação capitalista, ou educação para a sociabilidade capitalista”.

Os Organismos Internacionais Multilaterais⁴ como UNESCO, FMI, ONU, e o próprio Banco Mundial são instituições responsáveis pela reestruturação de países emergentes – subdesenvolvidos – com o intuito de tornar as camadas populares mais produtivas e capazes de atender as demandas do sistema econômico. Libâneo (2012, p.19) expõe de maneira clara traços básicos das políticas para educação do Banco Mundial:

a) reducionismo economicista, ou seja, definição de política e estratégias baseadas na análise econômica; b) o desenvolvimento sócioeconômico necessita da redução da pobreza no mundo, por meio da prestação de serviços básicos aos pobres (saúde, educação, segurança, etc.) como condição para torná-los mais aptos a participarem desse desenvolvimento; c) a educação escolar reduz-se a objetivos de aprendizagem observáveis, mediante formulações de padrões de rendimento (expressos em competências) como critérios da avaliação em escala; d) flexibilização no planejamento e na execução para os sistemas de ensino, mas centralização nas formas de aplicação das avaliações (cujos resultados acabam por transformarem-se em mecanismos de controle do trabalho das escolas e dos professores).

Com esses obscuros intuitos para a educação, o sistema de ensino tornou-se um campo de estratégias e controle, constituído por objetivos voltados para desenvolvimento humano em formas de competências imediatistas. Reduzindo a função dos professores na formação

⁴ Os relatórios expressos pelo Banco Mundial, juntamente integrados a essas instituições internacionais “expressam claramente a tese de que os financiamentos do Banco devem estar centrados em programas de alívio à pobreza e de redução da exclusão social, como condição para o aumento da produtividade em função do desenvolvimento na ótica do neoliberalismo econômico” (LIBÂNEO, 2013, p.51-52).



cognitiva dos alunos em sala de aula, sendo protagonistas no processo de ensino as famosas cartilhas.

Portanto, as políticas do Banco Mundial para os países em desenvolvimento imputam duas características essenciais com vistas a concretizar seus anseios, “atendimento a necessidades mínimas de aprendizagem e espaço de convivência e acolhimento social” (LIBÂNEO, 2012, p.20). Fazendo com que a instituição escolar perca sua especificidade que é a mediação do conhecimento científico e sistematizado, tornando-se um ambiente de encontros ocasionais, um ambiente somente de lazer e diversão.

Esse renovado – porém, reacionário – paradigma de educação, requer também uma nova versão de professores. Assim como para os alunos são oferecidos um kit de aprendizado, cheios de normas e técnicas a serem cumpridas no momento do aprendizado, para os docentes não é diferente. Para eles são ofertados – estabelecidos – também um kit de sobrevivência, que por sinal cheio de técnicas e instruções rígidas. Influenciando totalmente na formação de professores, “a posição do Banco Mundial é pela formação aligeirada de um professor tarefeiro, visando baixar os custos do pacote formação/capacitação/salário” (idem).

A visão de escola e do processo de ensino-aprendizagem, bem como formação de professores, entre outros importantes componentes do amplo sistema educacional é quase sempre visto pela ótica da análise econômica, pelo fato que as políticas educacionais são elaboradas por economistas para serem executadas por educadores (LIBÂNEO, 2013). Ou seja, os educadores ficam a margem das principais discussões sobre sua própria profissão.

Com essa forma de educação neotecnicista e mecanicista, a serviço do neoliberalismo,

Verifica-se aí uma visão instrumental de aprendizagem que ao longo das políticas dos órgãos multilaterais vai adquirindo uma conotação cada vez mais pragmática e imediatista. Numa compreensão mais restrita, a aprendizagem é vista meramente como necessidade natural, desprovida de seu caráter cultural e cognitivo. O papel do ensino fica dissolvido, reduzindo a possibilidade de desenvolvimento pleno dos indivíduos já que as crianças e jovens acabam submetidos a um currículo de noções “mínimas” e obrigados a aceitar uma escola enfraquecida de conteúdos significativos (LIBÂNEO, 2013, p.59).

A triste constatação, portanto, é que a escola que sobrou para os pobres é uma instituição de ensino enfraquecida em conteúdos científicos e culturais, camuflado por uma política de inclusão e democratização social. É necessário entender que a aprendizagem e o



desenvolvimento cognitivo, moral e afetivo do alunado, não é constituído somente em sala de aula, mas também em todo o contexto sócio-histórico-cultural em que o mesmo está inserido. Com isso, quanto mais aligeirada e desorganizada é trabalhado o acesso à escola, menos inviável fica a verdadeira formação qualificada.

Desse modo, todas as matérias são minimizadas e podendo seu ensino ficar desestimulante com vistas a permanecer na penumbra das finalidades do processo ensino-aprendizagem. Como todas as outras disciplinas, a Educação Física também pode cair na inércia do conteudismo e da simplificação de seu trabalho. A seguir, será apresentada uma proposta de ensino crítica que busca superar os rígidos paradigmas do movimento corporal.

A cultura corporal de movimento: uma proposta crítico-superadora

No período pós-ditadura militar no Brasil, ocorreu o importante processo de redemocratização política no país. Nessa vertente as ciências humanas e sociais – filosofia, sociologia, história – começaram a ganhar força nas discussões acadêmicas, e com as brilhantes contribuições das mesmas, a Educação Física começou a também romper paradigmas – biologicistas e esportivistas – que foram predominantes em todo o século XX até o presente momento.

Nesse âmbito de ruptura epistemológica, não bastava mais ensinar a jogar destacando movimentos que valorizam a técnica e a perfeição, ou então a exclusão daqueles que não possuíam um estereótipo corporal de uma atleta. Era necessário discutir e ensinar enfatizando algumas questões: Qual jogo? Como joga? Quem joga? Por que joga ou por que não joga? Por que se joga assim? Em que condições jogar? Qual a finalidade social, história e pedagógica do jogo?

No ano de 1992 um coletivo de autores composto por alguns dos grandes nomes da Educação Física brasileira – Carmem Lúcia Soares, Celi Nelsa Zülke Taffarel, Maria Elizabeth Pinto Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escolar e Valter Bracht –, fundamentaram uma perspectiva teórica e metodológica que superasse criticamente os paradigmas positivistas que eram predominantes na área.



O objetivo dessa obra chamada Metodologia do Ensino de Educação Física foi protagonizar a reflexão e prática pedagógica dos professores dessa disciplina escolar, fomentando um ensino que supere os paradigmas do processo educativo a serviço da classe dominante e sua hegemonia, tratando os conhecimentos específicos da Educação Física “a partir de uma visão de totalidade, onde está presente o singular de cada tema da cultura corporal e o geral que é a expressão corporal como linguagem social e historicamente construída” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.11).

A premissa instrumentalizada pela perspectiva crítico-superadora de acordo com o Coletivo de Autores (1992, p.14-15) é baseada em três dimensões; *Diagnóstica* “porque remete a constatação e a leitura dos dados da realidade”, ou seja, busca interpretar e julgar os valores emitidos pelo modo de produção capitalista; *Judicativa* porque interpreta e “julga a partir de uma ética que representa os interesses de uma determinada classe social”, e; *Teleológica* “porque determina um alvo onde se quer chegar, busca uma direção. Essa direção, dependendo da perspectiva de classe de quem reflete, poderá ser conservadora ou transformadora dos dados da realidade diagnosticados e julgados”.

Como podemos constatar o objetivo central da perspectiva crítico-superadora é fundamentar uma Educação Física consciente, promover uma metodologia de ensino que rompa com os paradigmas do capitalismo – neoliberalismo e neotecnicismo – consolidando um processo de ensino-aprendizagem verdadeiramente democrático a serviço da classe trabalhadora, com vistas à transformação da sociedade.

Para realizar um procedimento de análise do homem, e suas diversas formas de contato com a educação, principalmente a educação escolar, devemos levar em consideração as relações sociais dentro desse sistema, destacar o lucro enquanto principal premissa do capitalismo, ressaltar o processo de alienação existente no mesmo, e por fim, entender de maneira científica as lutas de classes presente no sistema capitalista; “A história de toda a sociedade até hoje é a história da luta de classes” (MARX e ENGELS, 2014, p.39).

Deste modo, as reflexões sobre ideologia ganham grande importância para compreender o modo de consolidação da elite como classe dominante e hegemônica, que por incrível que pareça manter-se na hegemonia e manter a indiscrição, ou seja, parecer que tudo



é como deve ser. Vamos à Chauí (2016, p.247) para elucidar essa discussão. Segundo essa autora, podemos resumir ideologia como

Um corpus de representações e de normas que fixam e prescrevem de antemão o que se deve e como se deve pensar, agir e sentir. Por sua anterioridade, a ideologia pré-determina e pré-forma os atos de pensar, agir e querer ou sentir, de sorte que os nega enquanto acontecimentos novos e temporais.

O corpus assim constituído tem a finalidade de produzir uma universalidade imaginária, pois, na realidade, apenas generaliza para toda a sociedade os interesses e o ponto de vistas particulares de uma classe: aquela que domina as relações sociais. Assim, a produção desse universal visa não só ao particular generalizado, mas sobre tudo a oculta a própria origem desse particular, isto é, a divisão da sociedade em classes.

A educação e Educação Física são excelentes instrumentos para a consolidação e/ou transformação da ideologia dominante. Como já foi dito anteriormente, Libâneo (2012) denunciou a estratégia perpetuada pelas Organizações Internacionais Multilaterais e seus objetivos totalmente financeiros para a concretização do neoliberalismo. No campo de estudos e investigação da Educação Física, podemos citar como exemplo o Coletivo de Autores (1992) afirmando que

a perspectiva da Educação Física escolar, que tem como objeto de estudo o desenvolvimento da aptidão física do homem, tem contribuído historicamente para o interesse de classe no poder, mantendo a estrutura da sociedade capitalista (p.24).

Baseando-se na ideologia de classe imposta por esse sistema econômico, que crava suas garras na mente da sociedade de um modo que é reproduzido e fortalecido ao passar dos anos, na Educação Física identificamos essa consolidação ideológica nas elaborações das políticas públicas destinadas ao esporte e à educação, nas práticas esportivas, nas brincadeiras, na forte influência da mídia – seja ela esportiva ou não – quando o assunto é saúde ou então corpo saudável encontramos as amarras condicionadoras, entre outros exemplos explícitos ou implícitos.

Os indivíduos são levados pela ideologia a aceitarem a desigualdade socioeconômica como natural, obra do destino, do acaso, da sorte, e que as diferenças individuais gerariam as diferenças de classe. Se todos possuem a mesma natureza, são iguais e o Estado tudo faz para todos tenham as mesmas oportunidades – inclusive dando aos menos favorecidos assistência médica, escola pública, merenda escolar, livros e matérias escolares gratuitos – certamente vencem os mais capazes e esforçados (COELHO, 2011, p.319-320).



Portanto, com o suporte ideológico controlador de massa, o modo de produção não seria e não é responsável pela divisão de classes existente na sociedade atual. A ideologia condiciona o indivíduo a pensar e agir como se tudo fosse coisa do destino, ou o que é pior, faz com que o indivíduo carregue o grande fardo da culpa nas costas por pensar que não é ou não foi bem sucedido na vida econômica pelo motivo de ser incapaz. Destarte, os aparelhos ideológicos induzem a pensar que não é o sistema capitalista que provoca as guerras, as mortes, a miséria, a desigualdade social e econômica, a degradação cultural, a evasão escolar, o fracasso escolar, a exclusão perpetuada nas aulas de Educação Física (devido a altura, os requisitos motores, o peso) o único e real responsável por essas fatalidades é o próprio indivíduo.

Para o Coletivo de Autores (1992) quando a pedagogia – o ensino – omite de seu papel de desvelar as divisões de classes existentes na sociedade, deixando de explicitar os interesses de ambas as classes sociais, está a serviço da manutenção da classe dominante. O ensino de todas as disciplinas em geral e em especial da Educação Física deve ser trabalhado visando a emancipação do aluno, revelando os conteúdos que são produzidos através da história e que são constituídos culturalmente em meio as relações sociais.

Com vistas a trabalhar essa emancipação e desenvolvimento integral do aluno, é necessário que ambos os atores do processo de ensino-aprendizagem sejam autônomos, ativos e pensantes. Como cita o Coletivo de Autores (1992), objetivando um ensino que transforme a realidade social, por meio dos elementos que constituem a cultura corporal de movimento, ou seja, os conteúdos específicos da Educação Física.

Considerações finais

Com este estudo podemos perceber que desde há quatro décadas as principais instituições mundiais estão se mobilizando para a remodelação do sistema econômico. A serviço do neoliberalismo principalmente a partir da Declaração de Educação para Todos em Jomtien Tailândia 1990, o sistema educacional dos países emergentes – em que o Brasil se enquadra também nesse pacote – estão sofrendo mudanças, visando atender as demandas do modo de produção capitalista.



Sendo essas políticas elaboradas por economistas para serem executadas nos ambientes escolares, o ensino tornou-se um verdadeiro campo de estratégias financeiras, diminuindo cada vez mais a potencialidade docente em seu próprio âmbito de atuação. Ocorrendo assim uma escola sobre dois polos: uma escola de lugar científico para ricos e uma escola de acolhimento social e integração para os pobres. Minimizando a função da escola de mediação do conhecimento científico e sistematizado para as classes subalternas.

Com isso, para as disciplinas e seus conteúdos serem trabalhados em sala de aula são fornecidos um kit de sobrevivência tanto para os alunos quanto para os professores. Porém, no campo de estudo e investigação da Educação Física um Coletivo de Autores fundamentaram uma perspectiva teórica e metodológica chamada crítica-superadora com anseios a transformar a realidade social, um ensino que cause uma ruptura ideológica e que está favor da classe trabalhadora.

Todo educador deve ter em mente sua função ideológica, seu caminho a ser percorrido, sua atividade educativa deve ser guiada por um projeto político-ideológico (isso aparentemente de imediato parece estar agredindo o processo ético educativo, MAS, se pararmos para refletir criticamente, todo Projeto Político Pedagógico é orientado por uma ideologia, é orientado por finalidades políticas e de classe). Portanto, idealizar um ensino que seja viável a todos, principalmente às camadas populares é um verdadeiro ato político. Desse modo nosso intuito foi de desvelar as características da ideologia neoliberal para a educação e elucidar um ensino e uma Educação Física a serviço da classe trabalhadora, de um sistema educativo que seja verdadeiramente democrático, visando formar um aluno emancipado, crítico, pensante e atuante na sociedade.

Referências

CHAUÍ, Marilena. Ideologia e educação. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.42, n.1, p;245-257, Jan/mar, 2016.

COELHO, Ildeu Moreira. Pensando o trabalho educativo. In: **Educativa**, Goiânia, v.14, n.2, p.313-326, Jul/dez, 2011.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. Cortez. 1992.



LIBÂNEO, José Carlos. Internacionalização das políticas educacionais e repercussões no funcionamento curricular e pedagógico das escolas. In: LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa ; LIMONTA, Sandra Valéria. **Qualidade da escola pública**: políticas educacionais, didática e formação de professores. Goiânia-GO. Ceped Publicações. Editora Kelps. 2013.

_____. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para ricos e escola do acolhimento social para os pobres. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.38, n.1, p.13-28, 2012.

MARX, Karl; Friedrich Engels. **O Manifesto do Partido Comunista**. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.